

FLY ME TO THE MOON (2012)

DE MARIE JONES

TRADUÇÃO | MARIA HERMÍNIA BRANDÃO
ENCENAÇÃO | JOÃO CARDOSO
CENÁRIO E FIGURINOS | SISSA AFONSO
DESENHO DE LUZ | NUNO MEIRA
SONOPLASTIA | FRANCISCO LEAL

INTERPRETAÇÃO | JOANA CARVALHO
ROSA QUIROGA

VOZES OFF | PEDRO QUIROGA CARDOSO
SISSA AFONSO
OPERAÇÃO LUZ E SOM | PEDRO QUIROGA CARDOSO
CONSTRUÇÃO E MONTAGEM DE CENA | TUDO FAÇO
FOTOGRAFIA | PAULA PRETO
IMAGEM GRÁFICA | SISSA AFONSO
PRODUÇÃO EXECUTIVA | MARTA LIMA

PRODUÇÃO | ASSÉDIO



Se a vida é uma tragédia para os que sentem e uma comédia para os que pensam, então a morte fornece um pouco de ambas nesta hilariante peça de Marie Jones.

J.M.Gordon

SINOPSE

Duas técnicas geriátricas prestam auxílio domiciliário a idosos. Filomena e Laurinda vêm fazer a rotina habitual de cuidados de Davide Mateus, com 84 anos. Só que este dia não será como outro qualquer. Tudo leva a crer que o Sr. Davide morreu. Deparam-se, então, com um dilema. Será que devem informar as autoridades ou tirar proveito da situação? A ação desenvolve-se numa espiral de acontecimentos que torna a situação cada vez mais fora de controle.

Duração aproximada | 1h20
M 12

PRÓXIMAS PRODUÇÕES ASSÉDIO

SALA DE BOLSO

quarta a domingo - 21h 30

UMA NOITE EM NOVEMBRO

de MARIE JONES

2 de Outubro a 2 de Novembro

INTERPRETAÇÃO
PEDRO FRIAS

ENCENAÇÃO
JOÃO CARDOSO

TeCA

quarta a sábado - 21h30
domingo - 16h

O FEIO

de MARIUS VON MAYENBURG

26 de Novembro a 7 de Dezembro

INTERPRETAÇÃO
JOÃO CARDOSO
JOANA CARVALHO
PAULO FREIXINHO
PEDRO FRIAS

ENCENAÇÃO
JOÃO CARDOSO



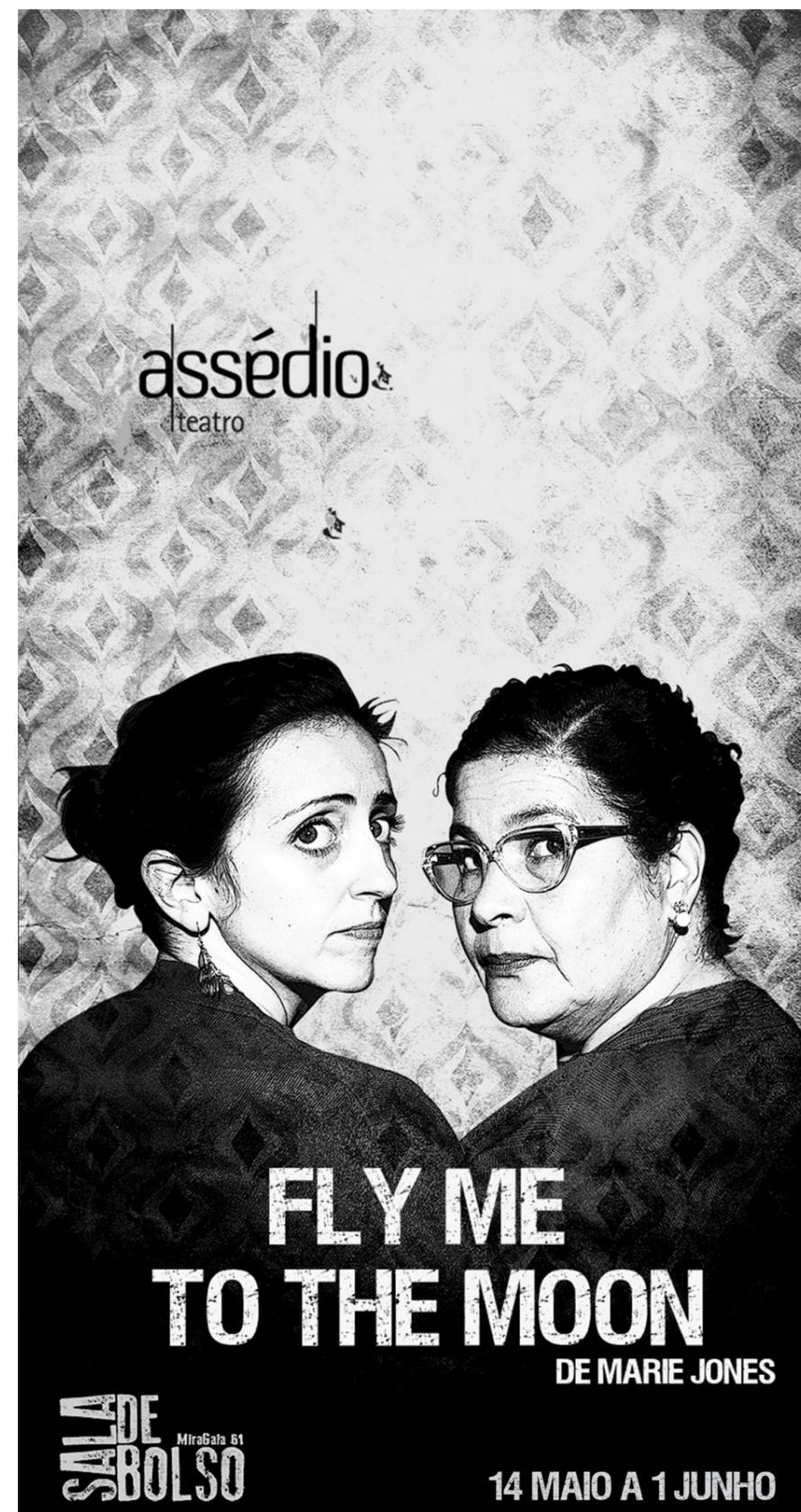
ASSÉDIO | Associação de Ideias Obscuras
www.facebook.com/assedio.teatro
assedio@assedioteatro.com.pt
BILHETEIRA | 91 664 33 50

assédio
Associação de Ideias Obscuras

Estrutura financiada por:



Apoio:





Mesmo no meio da devastação total, havemos sempre de rranjar modo de rir.

MARIE JONES

Nascida em Belfast, 1951, Marie Jones é uma das mais prolíficas e bem-sucedidas dramaturgas da Irlanda do Norte.

Tendo iniciado a sua atividade no teatro independente, depressa ganhou destaque pelo seu trabalho bem-humorado, certo, assente num profundo conhecimento da prática teatral. E hoje consegue, com textos traduzidos por todo o mundo, uma consensual aceitação, tanto do público, como da crítica.

Atriz em Belfast, desde a década de 70 e frustrada pela histórica escassez de trabalho para as mulheres no teatro, em 1983, com outras quatro atrizes, funda a sua própria companhia, *Charabanc*.

Nesse mesmo ano o seu reconhecimento como dramaturga inicia-se com *Lay Up Your Ends*, em co – autoria com Martin Lynch, uma bem-sucedida peça sobre duas semanas de greve dos trabalhadores de linho Belfast.

A partir daqui a sua obra não parou de crescer, tendo publicado textos de teatro como *Owl Delf and False Teeth* (1984), *Now You're Talkin'* (1985), *Gold in the Streets* (1986), *The Terrible Twins' Crazy Christmas* (1988), *Weddin's, Weein's and Wakes* (1989), *The Hamster Wheel* (1990), *The Blind Fiddler of Glenadauch* (1990), *The Government Inspector* (1993), *Night In November* (1994), *Women On The Verge Of HRT* (1995), *The Blind Fiddler* (2004), *A Very Weird Manor* (2005), *Rock Doves* (2010), *Dancing Shoes: The George Best Story* (2010), *Fly Me To The Moon* (2012), etc., além de ter escrito guiões para cinema, televisão e rádio.

Se a sua escrita, por um lado, tem sido criticada pelo estilo eclético, onde, por vezes, ressalta uma estranha fusão de influências, ou até mesmo de se deixar levar por abordagens mais simplistas ou sentimentais, por outro lado, a sua obra afirmou-se inequivocamente pelo modo como expressa a crítica, urdida com humor, inteligência e desassombro.

Observadora lúcida, Marie Jones oferece-nos construções dramaturgicas de quem conhece muito bem o jogo teatral, e abre-nos, assim, possibilidades para que dos seus textos decorram objetos cénicos provocatórios e gratificantes.



*...leva-me até à lua,
deixa-me brincar entre as estrelas...*

Tal como no texto *Com os bolsos cheio de pedras*, anteriormente levado à cena pela ASSÉDIO, Marie Jones em *Fly me to the moon* propõe-nos uma comédia absolutamente atual. A peça desenvolve uma espiral de acontecimentos e vai focando os dilemas que daí vão surgindo, descarnando, com humor negro, duas mulheres, filhas pobres da Europa do século vinte e um, refletindo questões como a morte, a solidão, a velhice, a culpa e a responsabilidade.

As duas atrizes desenham as personagens de duas técnicas de geriatria e os seus conflitos decorrentes da ação. Pegar ou não no dinheiro do seu paciente morto, um amante da música do Frank Sinatra com quem cantou um dia em Paris. Devem elas seguir a norma que diz que roubar é mau ou seguir a linha pragmática que afirma, quando não há vítima, não há crime.

Neste cenário de crise económica e financeira como a que vivemos na Europa, com uma recessão súbita e escândalos bancários, o desemprego e a pobreza é o dia-a-dia destas personagens. A história é-nos contada pelas duas mulheres, num primeiro plano, como uma narrativa confessional, quase como respondendo a um suposto interrogatório da polícia ou, simplesmente, contando a alguém, o dia perturbador que tiveram e, num segundo plano, o quarto do senhor Davide onde vai decorrendo a ação.

A adaptação ao Portugal de hoje, que mais uma vez realizamos, parece-nos de todo pertinente, sem que nos tenha sido exigido grande esforço, já que o paralelo da situação económico-social e político com a Irlanda é muito evidente.

João Cardoso

AGRADECIMENTOS:

Américo Castanheira
CAFÉ MARIANA (Miragaia)
CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
CASA DA MÚSICA
ENSEMBLE - Sociedade de actores
Ernesto Costa
Filipe Pinheiro
FUSELOG
Jorge Pinto
Luís Batalha
Pedro Galiza
Rui Simão
TNSJ - Teatro Nacional São João
TUDO FAÇO
Salvador Santos